

PASCAL TINHA RAZÃO?

DID PASCAL HAVE *RAISON*?

Andrei Venturini Martins

Resumo: Pascal critica o uso instrumental que Descartes faz de Deus para justificar o conhecimento e o movimento do mundo sensível. Mas será que essa mesma crítica feita à filosofia de Descartes não poderia ser aplicada à filosofia de Pascal? Minha hipótese é que Pascal instrumentalizou o termo “coração”, que, de órgão sensor de Deus tornou-se também um órgão epistemológico capaz de sustentar os primeiros princípios, fundamentais para o pensamento. Para justificar essa hipótese, analisarei como o “coração” se tornou um órgão epistemológico em Pascal e, em seguida, apresentarei três críticas à posição do filósofo francês.

Palavras-chave: Coração. Primeiros Princípios. Crítica.

Abstract: Pascal criticizes the instrumental use of which Descartes makes of God to justify knowledge and movement of the sensitive world. But could not the same criticism make Descartes' philosophy be applicable to Pascal's philosophy? My hypothesis is that Pascal instrumentalized the term “heart” - from an organ that enables God's censorship to also an epistemological organ capable of sustaining the first principles, which are fundamental for thought. In order to justify this hypothesis, I will analyze how the “heart” became an epistemological organ for Pascal and then will elaborate three criticisms towards the French philosopher understanding.

Keywords: Heart, First Principles, Criticism.

INTRODUÇÃO

Sabemos que Pascal conhecia bem o pensamento de Descartes, que, na *Primeira Meditação* apresenta uma crítica cética capaz de colocar em suspenso todo o conhecimento adquirido pelos sentidos e pela matemática: trata-se da existência de um *genius malignus*, um deus enganador, que nunca me deixaria alcançar as certezas necessárias. Assim, se aquilo que me engana uma vez pode me enganar sempre (e esse é o caso dos sentidos), então o mundo externo é uma incógnita, e não sabemos nem mesmo se ele existe; se posso estar enganado sobre o resultado da soma de dois números naturais, então não tenho certeza da clareza dos conhecimentos matemáticos. Contudo, Descartes não encerra sua reflexão nos obstáculos das aporias céticas, mas: (i) afirma que pensamos, e infere disso que existimos como seres pensantes; (ii) declara que temos certas ideias, como aquelas de “infinito” e “perfeição”, e ao reconhecer que não poderíamos ser a sua causa, infere a existência de Deus, cuja perfeição sugere tratar-se de uma deidade boa, e não de um deus enganador; e (iii) sustenta que, se Deus é bom, então não me deixaria enganar quanto à percepção da existência do mundo exterior (Cf. DESCARTES, 1996)¹

Posto isso, podemos dizer que Descartes apresenta boas razões que lhe permitem inferir a existência do eu pensante. Eis o seu raciocínio, expresso logicamente em *modus ponens*, seguido de um corolário:

Premissa 1 – Se Deus é bom, então não me enganaria.

Premissa 2 – Deus é bom.

Conclusão – Logo, ele não me engana.

Corolário – Segue-se que o mundo sensível existe.

Para Pascal, porém, não parece que tal raciocínio seja factualmente sólido quando se trata da inferência cartesiana do mundo exterior:

Não posso perdoar a Descartes: ele bem que gostaria, em toda filosofia, de poder dispensar Deus; mas não pode evitar de atribuir-lhe um piparote para colocar o mundo em movimento; depois disso, ele não tem mais o que fazer de Deus. (PASCAL, 1963b, Laf. 1001)²

¹ Destaco, de modo especial, as quatro primeiras meditações.

² Os *Pensamentos* são citados a partir de Blaise Pascal, *Œuvres complètes*. Edição de Louis Lafuma. Paris, Seuil, 1963b. Quanto ao número dos fragmentos, será usado Laf. para a Edição Lafuma, Bru. para a edição León Brunschvicg e Tour. para Zacharie Tourneur. Para ajustar a concordância entre as edições, será utilizado DAVIDSON, Hugh M. & DUBÉ, Pierre H. (orgs) (1975). *A Concordance to Pascal's Pensées*. London: Cornell University Press.

A referência ao número dos fragmentos é em relação à edição do próprio Lafuma (Laf.).

Em alguns casos, farei referência somente ao número do fragmento. Por exemplo: Laf. 136.

Pascal critica o uso instrumental que Descartes faz de Deus para justificar o conhecimento e o movimento do mundo sensível.³ Mas será que essa mesma crítica feita à filosofia de Descartes não poderia ser aplicada à filosofia de Pascal? Minha hipótese é que Pascal instrumentalizou o termo “coração”, que, de órgão sensor de Deus tornou-se também um órgão epistemológico, capaz de sustentar os primeiros princípios fundamentais para o pensamento. Para justificar essa hipótese, apresentarei como o “coração” se tornou um órgão epistemológico em Pascal e, em seguida, três críticas à posição do filósofo francês.

CORAÇÃO: ÓRGÃO EPISTEMOLÓGICO

O termo “coração” em Pascal contém uma rede de sentidos: sede da memória; órgão epistemológico que sustenta os primeiros princípios; campo onde Deus visita (espaço interior); ponto de contato com o divino, onde Deus toca o humano; órgão do conhecimento intuitivo suscetível a receber o divino; ato de fé; e órgão do conhecimento religioso.⁴ No entanto, este trabalho se concentrará no coração como órgão epistemológico.

No opúsculo *Do espírito geométrico e da arte de persuadir*, o filósofo sustenta que o ponto de partida de todo conhecimento são os chamados “termos primitivos”, que não podem ser objeto de inferência, porque são pontos de partida de qualquer raciocínio e sustentam todo o edifício do saber. Afirma ainda que tais termos primitivos são captados pela “luz natural”, isto é, pela razão: “Não define tudo e não prova tudo, e é nisso que ela [a geometria] fracassa; mas só supõe coisas claras e certas pela *luz natural* e, por ser perfeitamente verdadeira, a natureza a sustenta em função do defeito do discurso”. (PASCAL, 1963a, p. 350)⁵. A razão capta intuitivamente, por assim dizer, os termos primitivos (nomes e definições indemonstráveis) e assim permite que proposições e raciocínios sejam construídos. Tais pressupostos colocariam Pascal entre os fundacionistas, que pressupõem a existência de princípios indemonstráveis que se apresentam como crenças básicas para qualquer demonstração.

No entanto, na obra *Pensamentos*, Pascal substitui o termo “luz natural” por “coração” (“instinto”, Laf. 110/Bru. 282 e Laf. 155/Bru. 281; “sentimento”, Laf. 179/Bru. 256): o órgão que é sensor de Deus (Laf. 424/Bru. 278) – receptor da graça (Laf. 172/Bru. 175), termo da terceira ordem, aquela do coração (Laf. 308/Bru. 793) – torna-se também epistemológico:

³ Poder-se-ia pensar que o fragmento citado seria antes uma crítica a reservar a Deus a função de colocar o mundo em movimento, e não quanto à questão do conhecimento do mundo sensível. Por outro lado, se Deus é visto como necessário ao movimento, o conhecimento do mundo sensível depende de Deus. Sobre o fragmento acima utilizado, vale destacar que é oriundo de anotações preservadas de Marguerite Perrier, irmã de Pascal, havendo um debate relevante sobre a sua originalidade.

⁴ Na verdade, caberia dizer que são objetos ou realidades aos quais os termos se referem que são captados pela luz natural; por extensão, podemos falar da apreensão dos termos.

⁵ Cf. MARTINS, Andrei Venturini (2017). *Do reino nefasto do amor-próprio: a origem do mal em Blaise Pascal*. São Paulo: Editora Filocalia. p. 315.

⁶ Grifo meu. Para uma tradução, ver Blaise Pascal (2017). *Do espírito geométrico e Da arte de persuadir: e outros escritos de ciência, política e fé*. Org., trad. e notas de Flavio Fontenelle Loque. Belo Horizonte, Autêntica Editora.

Pois os conhecimentos dos primeiros princípios: há um espaço, há um tempo, movimento, números, são tão firmes quanto qualquer daqueles que nossos raciocínios nos dão, e é sobre esses conhecimentos do coração e do instinto que é necessário que a razão se apoie e fundamente todo o seu discurso. (PASCAL, 1941, Tour. 104/Laf. 110/ Bru. 282)⁶

Essa alteração foi percebida por inúmeros intérpretes. Ciente dela, Philippe Sellier afirma que “muito rapidamente Pascal colocou em ação uma antropologia mais precisa e que designa a faculdade à que se atribui estes conhecimentos imediatos, o coração” (SELLIER, 1995, p. 129). Jean Mesnard, por sua vez, aproxima os termos “luz natural” e “coração”, compara os textos *Do espírito geométrico e da arte de persuadir* e os *Pensamentos*, e critica a possibilidade de interpretar os primeiros princípios como ideias inatas: “A ‘luz natural’, o ‘coração’, fornecem, não ideias inatas, mas simples produtos de uma experiência humana fundamental” (MESNARD, 1992, p. 103). Vincent Carraud, investigando a influência cartesiana na obra de Pascal, também destaca a substituição do termo “razão” por “coração”:

Portanto, Pascal substitui o conceito cartesiano de razão (...) por aquele de coração; ou, sobretudo, limita a razão a ser mero raciocínio, isto é, a faculdade de compreensão do demonstrativo, ao passo que os primeiros princípios pertencem a um conhecimento pelo coração”. (CARRAUD, 2007, p. 250).

Apesar da notória alteração, tão bem documentada pelos intérpretes,⁷ cabe ainda examinar suas consequências. É isso que pretendo fazer após 400 anos de nascimento de Blaise Pascal. Se, como afirmou o filósofo, “o último passo da razão é reconhecer que há uma infinidade de coisas que a ultrapassam” e essa mesma razão “é apenas fraca se não vai até reconhecer isso” (Laf. 188/Bru. 267), então penso que a maior homenagem que eu poderia prestar ao ilustre matemático e filósofo seria criticar sua sofisticada forma de pensar. A crítica nos permite levantar questões, esclarecer conceitos, aperfeiçoar argumentos e, como consequência, fomentar o progresso filosófico.

6 Para a tradução desse fragmento, usei a edição paleográfica de Zacharie Tourneur (Tour), que teve acesso à coletânea dos manuscritos originais de Pascal [Cf. Blaise Pascal (1941). *Pensées de Pascal*. v. I. Édition critique: établie, annotée et précédée d’une introduction par Zacharie Tourneur. Paris, Éditions de Cluny, p. 53]. A partir dessa edição, Mesnard afirma que a edição Lafuma apresenta um erro que pode falsear o sentido do fragmento acima citado. A omissão de *comme qu’il y a* antes da palavra “espaço” trai o leitor, pois o sentido da frase seria outro: há o espaço, há o tempo, há o número, há o movimento. Assim, haveria dois nomes que se relacionam: o ser e o espaço, o ser e o tempo, etc. A relação de dois nomes produziria um axioma, de forma que os primeiros princípios teriam o mesmo significado que axiomas, e não seriam termos primitivos como a omissão em algumas edições poderiam nos levar a pensar [Cf. Jean Mesnard (1992). *Les Pensées de Pascal*, Paris, Presses Universitaires de France, p. 93-94; ver nota à p. 94].

7 Vale destacar a ocasião em que Pascal usa o termo “luz natural” nos *Pensamentos*, referindo-se propriamente ao raciocínio em geral. Trata-se do fragmento Laf. 418, sobre a aposta: “Falemos agora segundo as luzes naturais.”

PRIMEIRA CRÍTICA: NEBULOSA PASCALIANA

Pascal, ao sustentar que os chamados “primeiros princípios” (Laf. 110, Bru. 282) são “conhecimentos do coração” (Laf. 110, Bru. 282), submete todo saber a um termo bíblico, religioso, literário e poético. Em suma, um termo nebuloso. Aduzir que a razão sustenta os princípios me parece mais plausível⁸: a razão capta as imagens perceptíveis pelos sentidos, universaliza propriedades dessas imagens, funciona por dedução, indução, memoriza, associa e desassocia propriedades, intui, infere. Não obstante, Pascal, nos *Pensamentos*, afirma que o coração sustenta os princípios, apesar de não conceder as razões que justificariam a necessidade de tal mudança.

Sabemos que, na árvore do saber cartesiana, a raiz de todos os saberes é a metafísica, e a *ratio* infere o *cogito* e parte dele para a demonstração da existência de Deus. Usando a mesma metáfora para Pascal, poderíamos indagar: se é o coração que sustenta todos os princípios, então, como consequência, é o coração que sustentaria todos os saberes? Para responder essa pergunta, recorro a duas hipóteses.

Como primeira hipótese, suponhamos que, se para Pascal é o coração (termo teológico) que sustenta todos os princípios, então o fundamento de todas as ciências seria a teologia. Assim sendo, talvez Pascal queira fazer da teologia a ciência que fundamenta todas as outras.⁹ O fragmento Laf. 65/Bru. 115, aparentemente, daria suporte à afirmação de que a teologia, por meio do coração, é o fundamento de todo saber: “Diversidade / A teologia é uma ciência, mas ao mesmo tempo quantas ciências há?”. A afirmação de que a teologia é uma ciência, seguida de uma indagação que parece denotar que só haveria uma ciência – a teologia –, aparentemente poderia respaldar a ideia de que a teologia é a ciência por excelência, fundamento de todas as outras. Contudo, tal interpretação seria equivocada.

⁸ Poderia-se ainda pensar que este papel é da intuição, e não da razão; de todo modo, a posição de Pascal de que é o coração que intui seria ainda mais problemática.

⁹ É importante sublinhar uma passagem do opúsculo *Préface sur le traité du vide*, em que Pascal, ao tratar da teologia, afirma que “para dar a completa certeza das matérias mais incompreensíveis à razão, basta apontá-las nos livros sagrados, tal como, para mostrar a incerteza das coisas mais verossímeis, é preciso somente apontar que elas não são contidas neles; porque seus princípios estão acima da natureza e da razão, e porque o espírito do homem, sendo muito fraco para neles chegar por seus próprios esforços, não pode atingir aquelas elevadas inteligências se não for conduzido por uma força onipotente e sobrenatural”. (1991, p. 778-779). Assim, o fundamento das coisas mais verossímeis em teologia estaria contido nos livros sagrados, que legitimam a verdade teológica que está acima da natureza, e a razão, por ser frágil, não consegue alcançá-la, salvo se for conduzida por uma força sobrenatural. Como veremos na minha argumentação, a teologia não é o fundamento de todas as ciências, mas é sustentada pelos dados revelados, que não são suficientes para fundamentar os conhecimentos que dependem dos sentidos e dos raciocínios. Para saber mais sobre a distinção entre os conhecimentos que dependem da autoridade (como a teologia) e aqueles que dependem da experiência (como a física), o texto acima citado também está disponível em língua portuguesa: PASCAL, Blaise (2019). *Prefácio sobre o tratado do vácuo*. Trad. Andrei Venturini Martins. Cadernos Espinosianos: estudos sobre o século XVII, São Paulo, v. 40, p. 207-227, jan./jun. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/espinosanos/issue/view/11175>. Acesso em: 06 fev. 2025.

da. O termo *diversité* – como afirma Carraud em análise desse fragmento –, não significa diversidade de discursos, mas designa que o discurso teológico é *diverso* de todos os outros. É diverso porque é central, ou seja, todas as outras ciências convergem para a teologia. O intérprete explica que a teologia em Pascal é a ciência central porque é nela que as ciências resolvem as contradições que se apresentam (Cf. CARRAUD, 2007, p. 125). Dois exemplos parecem confirmar essa leitura.

No primeiro caso, o homem, pela cristologia de Pascal, pode conhecer a sua grandeza sem se orgulhar e a sua miséria sem se desesperar: “Jesus Cristo é um Deus de quem as pessoas se aproximam sem orgulho e sob o qual se abaixam sem desespero” (PASCAL, 1963b, Laf. 212/Bru. 528). No segundo, a teologia dá sentido aos paradoxos que afligem a existência humana: no opúsculo *Entretien avec M. de Sacy*, Pascal chega a afirmar que a teologia é “o centro de todas as verdades” (PASCAL, 1963c, p. 296)¹⁰.

Portanto, a interpretação de Carraud e os dois exemplos acima não nos permitem confirmar a hipótese de que a teologia é o fundamento de todas as ciências. Além disso, desconheço qualquer passagem da obra pascaliana que nos autorize a sustentar essa tese. Sendo assim, essa primeira hipótese (de que a teologia é o fundamento de todas as ciências) está descartada.

Como segunda hipótese, suponhamos que o fundamento de todas as ciências seja o coração. É justamente o que Pascal diz no fragmento Laf. 110/Bru. 282: “é sobre esses conhecimentos do coração e do instinto que é necessário que a razão se apoie e fundamente todo seu discurso”. Qual é o papel do coração? Nesse caso, ele sustenta os primeiros princípios, ou seja, o coração não me deixa duvidar de que os primeiros princípios “são tão firmes quanto quaisquer daqueles que os nossos raciocínios nos dão” (PASCAL, 1963b, Laf. 110/Bru. 282). Dito de outro modo, Pascal afirma que o coração sustenta os primeiros princípios. O filósofo, alega mas não argumenta: simplesmente afirma que é o coração, sem apresentar as justificativas. Ora, argumentar a favor dessa dogmática afirmação e não apresentar razões (argumentos) é o mesmo que não ter razões. Por esse motivo, o coração como sustentáculo dos primeiros princípios me parece uma afirmação nebulosa de Pascal¹¹.

¹⁰ A obra *Colóquio com o Sr. de Sacy* aponta para isso: “Vos peço perdão, senhor, disse Pascal ao sr. de Sacy, que eu me apresente diante de vós dentro da teologia, em vez de continuar na filosofia, que era a meu único objeto; mas a filosofia me conduziu à teologia sem que eu perceba, e é difícil não entrar nela, qualquer que seja a verdade que se trate, *porque ela é o centro de todas as verdades*” [BLAISE, Pascal (1963c). *Entretien avec M. de Sacy*, p. 296, grifo meu]. Para uma tradução, ver BLAISE, Pascal. *Conversa com o Senhor de Sacy sobre Epicteto e Montaigne e outros escritos*. Organização, introdução, tradução, notas e bibliografia comentada por Flávio Fontenelle Loque. São Paulo, Alameda, 2014.

¹¹ É um fato de que diversos sistemas de pensamento recorrem a algum tipo de intuição para o conhecimento dos primeiros princípios, sob pena de cair em regressão infinita. Isso não elimina a dificuldade da empreitada pascaliana.

SEGUNDA CRÍTICA: CONFUSÃO DE PROPRIEDADES

O coração sustenta intuitivamente (sentimento, instinto) os primeiros princípios e, a partir deles, o espírito de finura e o espírito geométrico realizam seu trabalho.¹² “O coração sente que existem três dimensões no espaço e que os números são infinitos, e a razão demonstra depois que não existem dois números quadrados dos quais um seja o dobro do outro” (Laf. 110/Bru. 282). Ora, a intuição (sentimento) parece ser uma propriedade do coração e do espírito de finura. Pergunto a Pascal: se a intuição é uma propriedade do espírito de finura, então não bastaria o espírito de finura para que os primeiros princípios sejam apreendidos? Qual razão teria levado Pascal a afirmar que o coração é um órgão epistemológico? Nesse aspecto, o autor introduz em sua obra certa confusão de propriedades: coração e espírito de finura apreendem (captam) os princípios. Penso que o espírito de finura bastaria para explicar inferências extremamente rápidas da razão, as quais somos incapazes de explicar sem um longo tempo de reflexão.¹³

TERCEIRA CRÍTICA: CORAÇÃO COMO ÓRGÃO EPISTEMOLÓGICO

Descartes tenta justificar *somente* o mundo exterior, partindo de uma afirmação aparentemente religiosa: Se Deus é bom, então Ele não me engana. Mais precisamente, argumenta da seguinte forma:

Premissa 1. Se Deus é perfeito, então Deus é bom.

Premissa 2. Se Deus é bom, então não me deixa enganar.

► Logo, se Deus é perfeito, então não me deixa enganar.

Esse argumento é válido. O filósofo usa de um *silogismo hipotético*, muito comum entre os matemáticos. Mas penso que a primeira premissa (“Se Deus é perfeito, então Deus é bom”) é fraca. O que impede que Deus seja perfeito e mau? O pressuposto cartesiano que atrela perfeição à bondade é duvidoso. Logo, se a premissa for logicamente falsa, o argumento cartesiano não se sustenta. Pascal, longe de defender esse argumento, é um crítico de Descartes: afirma que o autor das *Meditações Metafísicas* instrumentaliza o conceito de Deus para afirmar a existência do mundo sensível e colocá-lo em movimento. Mas a mesma crítica feita a Descartes pode ser feita ao próprio Pascal, no tocante ao papel do coração em sua filosofia.

Sabe-se que, para Pascal, o coração sustenta os primeiros princípios, ou seja, todo discurso dependeria dos primeiros princípios que são amparados por aquele órgão teológico. Assim, do mesmo modo que Descartes instrumentaliza o termo “Deus”, Pascal instru-

¹² Cf. Laf. 512.

¹³ “É preciso ver a coisa num único relance, num único olhar e não por progresso de raciocínio, pelo menos até certo grau”. (PASCAL, 1963b, Laf. 512).

mentalizaria o termo “coração” como fundamento de todo saber. Mas Descartes ao menos argumenta a favor da existência de Deus – apesar de não apresentar boas razões para enunciar “Se Deus é perfeito, então Deus é bom”. Por seu turno, Pascal simplesmente afirma que o coração sustenta os primeiros princípios,¹⁴ mas não apresenta nenhum argumento favorável para isso. E Pascal não precisava do coração para fundamentar como os primeiros princípios se mantêm, pois, como mostrei acima, bastaria o espírito de finura. Assim, o inventor da máquina de calcular apresenta uma boa razão na crítica que fez a Descartes, mas esquece de que, se vale para Descartes, a crítica também deveria valer para ele mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É claro que Pascal entende que o coração tem uma função teológica importante: é o órgão sensor de Deus, que Deus toca, já que é o “coração que sente a Deus e não a razão” (PASCAL, 1963b, Laf. 424).¹⁵ Além disso, é o órgão das emoções, do afeto, do amor, da fé. Mas afirmar que o coração é um órgão que sustenta os primeiros princípios (órgão epistemológico) não me parece razoável, pois o espírito de finura é capaz de dar conta dos princípios: a razão, em contato com o mundo externo, é capaz de captar e sustentá-los. Segue-se que, apesar de Pascal ter boas razões para censurar Descartes por instrumentalizar Deus, inferindo a existência do mundo físico e colocando-o em movimento, aparentemente o filósofo não foi exigente consigo mesmo: se essa censura se aplica a Descartes, então se aplica a Pascal, no que tange ao uso instrumental do termo “coração” em sua própria filosofia. O coração, metáfora teológica, adentra na filosofia pascaliana como órgão epistemológico, mas sem nenhuma explicação, sem nenhum argumento, deixando o leitor crítico – e não passivo ao dogma quase sagrado da estrutura do texto – com uma dúvida importante: quais são as razões de Pascal para dizer que o coração sustenta os primeiros princípios? O autor simplesmente faz a afirmação, e afirmar algo de forma categórica em filosofia não basta. Uma afirmação não é um argumento, pois este se forma quando temos pelo menos uma premissa e uma conclusão. Além disso, pretende-se que a premissa, sendo verdadeira, nos leve necessariamente à conclusão por meio da dedução, compondo um raciocínio válido.

Pascal não apresenta nenhum argumento, nenhuma razão que nos permita legitimar a afirmação categórica de que é o coração que sustenta os primeiros princípios, e, na falta de razões, não se tem razão.

14 “Pois os conhecimentos dos primeiros princípios, como que há [*qu’il y a*] espaço, tempo, movimento, números, são tão firmes quanto quaisquer daqueles que os nossos raciocínios nos dão e é sobre esses conhecimentos do coração e do instinto que é necessário que a razão se apoie e fundamente todo o seu discurso” (PASCAL, 1963b, Laf. 110, Tour. 103).

15 Para uma análise profunda da concepção religiosa do termo coração em Pascal, ver MICHON, Hélène (1996). *L’ordre du cœur: philosophie, théologie et mystique dans les Pensées de Pascal*. Paris: Editions Champion. Para uma investigação ampla do conceito e sua relação com outros temas da obra de Pascal, ver MORAIS, Fábio Cristiano (2016). *As razões do coração: um estudo sobre a centralidade do coração em Pascal*. 2016. 408p. Tese de doutorado em Filosofia. Universidade de São Paulo, São Paulo.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA. Português (1994). *Bíblia: Tradução Ecumênica (TEB)*. Edições Loyola.
- CARRAUD, Vincent (2007). *Pascal et la Philosophie*. Paris: Presses Universitaires de France.
- DESCARTES, René (1976). *Méditations Métaphysiques*. IX. Edição Charles Adan et Paul Tannery. Paris.
- DESCARTES, René (1979). *Méditations Métaphysiques*. Paris: Flammarion. (ed. Bilingue).
- DAVIDSON, Hugh M. & DUBÉ, Pierre H. (orgs) (1975). *A Concordance to Pascal's Pensées*. London: Cornell University Press.
- GOUHIER, Henri (1963). Introduction. In: PASCAL, Blaise. *Pensées*. Edição de Louis Lafuma. Paris: Seuil, p. 493-494.
- MARTINS, Andrei Venturini (2017). *Do reino nefasto do amor-próprio: a origem do mal em Blaise Pascal*. São Paulo: Editora Filocalia.
- MESNARD, Jean (1993). *Les Pensées de Pascal*. Paris: Ed. Sedes.
- MICHON, Hélène (1996). *L'ordre du cœur: philosophie, théologie et mystique dans les Pensées de Pascal*. Paris: Editions Champion.
- MORAIS, Fábio Cristiano (2016). *As razões do coração: um estudo sobre a centralidade do coração em Pascal*. 2016. 408p. Tese de doutorado em Filosofia. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- PASCAL, Blaise (1941). *Pensées de Pascal*. v. I. Édition critique: établie, annotée et précédée d'une introduction par Zacharie Tourneur. Paris: Éditions de Cluny.
- PASCAL, Blaise (1941). *Pensées de Pascal*. v. II. Édition critique: établie, annotée et précédée d'une introduction par Zacharie Tourneur. Paris: Éditions de Cluny.
- PASCAL, Blaise (1963). *Œuvres complètes*. Edição de Louis Lafuma. Paris: Seuil.
- PASCAL, Blaise (1963a). De l' Esprit Géométrique et de l' Art de Persuader. In: PASCAL, Blaise. *Œuvres complètes*. Edição de Louis Lafuma. Paris: Seuil, p. 348-359.
- PASCAL, Blaise (1963b). Pensées. In: PASCAL, Blaise. *Œuvres complètes*. Edição de Louis Lafuma. Paris: Seuil, p. 493-641.
- PASCAL, Blaise (1963c). Entretien avec M. de Sacy. In: PASCAL, Blaise. *Œuvres complètes*. Edição de Louis Lafuma. Paris: Seuil, 1963, p. 291-297.
- PASCAL, Blaise (2001). *Pensamentos*, Trad. Mário Laranjeira, São Paulo: Martins Fontes.
- PASCAL, Blaise (2017). *Do espírito geométrico e Da arte de persuadir: e outros escritos de ciência, política e fé*.

Org., trad. e notas de Flavio Fontenelle Loque. Belo Horizonte, Autêntica Editora.

PASCAL, Blaise (1991). *Préface sur le traité du vide* In: *Œuvres complètes*. Edição de Jean Mesnard. Paris: DDB, 1991, v. II, p. 777 – 785.

PASCAL, Blaise (2019). *Preâmbulo sobre o tratado do vácuo*. Trad. Andrei Venturini Martins. Cadernos Espinosianos: estudos sobre o século XVII, São Paulo, v. 40, p. 207-227, jan./jun. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/epinosanos/issue/view/11175>. Acesso em: 06 fev. 2025.

SELLIER, Philippe (1995). *Pascal et saint Augustin*. Paris: Albin Michel.

Andrei Venturini Martins. Doutor em Filosofia (PUC/SP). É docente no Instituto Federal de São Paulo (IFSP) e na pós-graduação em Filosofia da Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA).

DOI: 10.26512/2358-82842023e56112

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 Internacional License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).